

UNIDADE 5 – 06/09/2017

Sobre autonomia docente, base nacional e cotidiano escolar

*Roberto Marques**

Em uma escola pública de Ensino Fundamental da rede municipal do Rio de Janeiro, uma professora de Geografia propôs uma atividade de pesquisa coletiva sobre religiões. A atividade envolveu troca, investigação, descobertas, estranhamentos, questionamentos, conversas, enfim, produção coletiva de conhecimentos. Algo que é, ou deveria ser, inerente às escolas, aos espaços que chamamos de escolas e que ultrapassam as suas definições como instituição. Em outras palavras, para além de ser um espaço institucional e com sentidos que são definidos não só, mas também institucionalmente, uma escola é o encontro de pessoas com trajetórias diversas e conhecimentos os mais variados. E esse talvez tenha sido o primeiro grande feito da proposta da professora: apostar na produção coletiva e nas potencialidades desse encontro. Outros dois feitos, porém, merecem uma reflexão maior. Primeiro, a afirmação da autonomia docente. Segundo, diretamente ligado aos dois anteriores, a ratificação do sentido político da educação.

Vivemos um momento de grande pressão sobre a docência, tanto como atividade profissional quanto por seu papel social. Há uma disputa por definições do papel da escola na sociedade e sobre as atribuições e circunscrições do trabalho docente. Um trabalho que tem motivação nas demandas percebidas no cotidiano da escola só pode ser construído por quem tem autonomia profissional e intelectual. A docência é uma atividade de construção de conhecimentos, de pesquisa, de reflexão. É no movimento de reflexão sobre a prática que as escolas constroem os seus currículos. Isso porque o conhecimento trabalhado nas escolas precisa ter significado. Não se trata de um conhecimento aplicado, mas de construir sentidos para as vidas das pessoas que estão envolvidas no processo de ensino-aprendizagem.

Lembremos a experiência de Angicos (RN), onde Paulo Freire implementou sua primeira iniciativa de alfabetização. A escolha dos temas geradores foi um trabalho de pesquisa e seleção de palavras e procedimentos pedagógicos, constantemente avaliados por todos aqueles que participaram do projeto. Da mesma forma, a opção da professora por trabalhar o tema das religiões e religiosidades com a turma se deu em razão dos seus estudos, do seu conhecimento sobre a escola e o entorno, bem como da sua percepção das demandas dos estudantes, ainda que não estivessem explícitas.

UNIDADE 5 – 06/09/2017

O mais interessante dessa proposta é o fato de ser encaminhada por uma professora de Geografia. Portanto, uma profissional com domínio de conhecimentos específicos e de uma formação disciplinar pautada em conceitos, metodologias e abordagens próprias. Uma profissional que desenvolveu, por meio de estudos, uma percepção de mundo a partir das relações espaciais. Esse conhecimento – somado aos que se referem à sua formação como docente, o que envolve elementos de didática, planejamento, leitura do contexto cultural e social onde se insere o seu trabalho, etc. – constitui o seu ato educativo. Tal aparato teórico e intelectual é o que permite a produção da pesquisa com os alunos, bem como a condução dos debates.

Exatamente aí está o sentido político da educação. Professores não ensinam "o que deve ser ensinado", de forma mecânica. Não são executores de currículos externos às escolas, mas profissionais que têm como prerrogativa do seu ofício a formação intelectual de crianças, jovens e adultos. Isso significa ampliar as leituras de mundo, aguçar a curiosidade e mediar a construção e apropriação de conhecimentos. Muito se fala em "educar para a cidadania", mas é importante que façamos reflexões, que estimulemos debates sobre qual projeto de sociedade queremos e qual cidadania está de acordo com esse projeto. Trata-se de uma discussão que não é exclusiva da escola, mas temos na escola um espaço potente para tal.

O currículo brasileiro de Geografia escolar tem a regionalização como uma de suas fortes marcas. Podemos até arriscar em apontar essa marca como traço de uma certa identidade da nossa Geografia escolar. Tendo o continente asiático como ponto de partida, a professora optou pelo recorte das religiões como eixo do seu trabalho. Poderiam ser outros recortes, como o quadro físico, a geopolítica, peculiaridades culturais diversas, ou mesmo os processos históricos de construção das fronteiras nacionais. No entanto, a professora optou pelo aspecto religioso. Berço de três das mais importantes e numerosas religiões (inclusive do Ocidente), a Ásia (Oriente), distante horas de voo dos alunos do Rio de Janeiro, foi trazida para dentro de uma sala de aula a partir da ação de uma professora de Geografia. Essa atividade, importante para introduzir e desenvolver conhecimentos sobre o continente asiático, teve um papel primordial na discussão de temas caros ao nosso convívio social, como o respeito ao outro e à diversidade. Por meio das pesquisas realizadas pela turma, estudantes puderam debater a construção do espaço onde vivem, assim como perceber que são construtores desse espaço, uma vez que constroem, também, as relações entre si e com outros, muitas vezes vistos como distantes e inatingíveis.

Ao abordar a dimensão socioespacial de algumas religiões, o trabalho pôde avançar sobre os cotidianos dos alunos, fazendo-os refletir sobre suas ações. Estão ali, naquele trabalho, várias

INTERAÇÕES

PEDAGÓGICAS

MÓDULO 6º AO 9º ANO

UNIDADE 5 – 06/09/2017

categorias e conceitos geográficos, como lugar, escalas, região e território; e estão, também, outros, como cultura, política, diversidade, além de valores como respeito, convívio social e cidadania¹.

Geografia e docência, geógrafa professora e professora de Geografia, enfim, foram condições indissociáveis que levaram ao sucesso da proposta. Isso nos mostra que a autonomia docente não se resume a escolha de boas metodologias ou métodos de executar uma demanda curricular externa aos muros da escola. Pelo contrário, é a prova de que as escolas produzem seus currículos nos seus cotidianos e em diálogo com estudantes e a comunidade escolar. E só é possível produzir efetivamente os seus currículos e proceder a uma aprendizagem significativa quando assumimos que professores são senhores de seus ofícios, com autonomia pedagógica e intelectual para pesquisar, refletir, propor e mediar as relações que ali se desenvolvem, a partir dos conhecimentos que os constituem.

**Professor do Departamento de Didática da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio de Janeiro.*

¹ Há vários conceitos de cidadania, mas aqui destaco a dimensão desta como um valor atrelado ao convívio social e respeito aos direitos do outro, como foi desenvolvido no trabalho.